

JT  
27/8/88 Pg cont  
09

# Ambiente

## SUGESTÕES DE EMPRESÁRIOS PARA SALVAR A AMAZÔNIA

Uma política de ocupação da terra é o que eles pedem, culpando o governo por toda a devastação.

Destruição do meio ambiente, ocupação desordenada do solo, conflitos pela posse da terra, contaminação dos rios por mercúrio, ameaça às reservas indígenas. Estes são apenas alguns dos muitos problemas que atingem a região amazônica. Será que o desenvolvimento econômico é incompatível com a preservação do meio ambiente? E como os empresários responsáveis por projetos de exploração vêem a questão?

João Carlos Meirelles, da Juarena Empreendimentos de Colonização Ltda. e ex-presidente da Associação dos Empresários da Amazônia, diz que o grande pecado não foi a política de incentivos fiscais fixada pelo governo para atrair investimentos para a região, mas a inexistência de uma política de ocupação. Os projetos eram aprovados pela Superintendência de Desenvolvimento da Amazônia (Sudam), sem levar em conta o impacto que causariam ao meio ambiente. E assim foram explorados o Norte do Mato Grosso, Sudeste e Nordeste do Pará e Norte de Goiás.

— Os empresários foram atraídos pela vantagem dos incentivos, e não por um modelo racional de exploração, o que acarretou prejuízos ecológicos, sociais e econômicos — diz Meirelles. — Não existiu, e não existe, uma definição do que pode ou não ser ocupado, quais as áreas destinadas a reservas ecológicas, biológicas e indígenas, e a parques nacionais. A região amazônica tem cerca de 5 milhões de quilômetros quadrados, representando 60% do território brasileiro. Acreditamos que dois terços desse território devem permanecer intocados porque as terras não se prestam a qualquer tipo de exploração agrícola. No entanto, existem na região 1,7 milhão de quilômetros quadrados, o equivalente a toda a área brasileira destinada atualmente para atividades agrícolas, que podem ser utilizados sem riscos de degradação da natureza.

Para Meirelles todos os erros cometidos na região têm no governo o primeiro e principal responsável, "embora não se possa eximir de responsabilidade os aventureiros que foram para a Amazônia. Mas, quando o governo dá título de posse a um fazendeiro, nos limites de uma reserva indígena está fomentando conflitos". Segundo o empresário, a degradação ecológica verificada ao longo das rodovias Belém-Brasília, no Pará, e Cuiabá-Porto Velho, em Rondônia, é resultado direto da ineficiência governamental. As terras reservadas para assentamento acabaram invadidas, afirma Meirelles, porque os projetos não foram desenvolvidos e não existe nenhuma fiscalização para fazer cumprir a lei que exige a manutenção de 50% da mata original em cada área ocupada.

Os problemas são agravados pelo crescimento desordenado da região. Mato Grosso cresceu entre 1975 e 1985, 13,5% ao ano, e Rondônia, 16,2% — enquanto, no País, o aumento populacional médio foi de 2,42%. Ao permitir estes deslocamentos sem qualquer projeto racional de ocupação, o governo agravou o problema fundiário e a exploração predatória de terras que nem sequer ofereciam condições para abrigar atividades agrícolas.

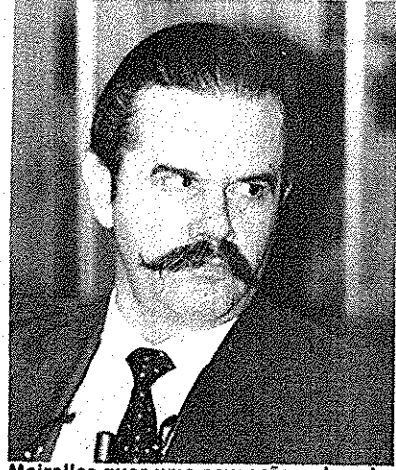
### Falta de Experiência

Fernando Vergueiro, diretor-presidente da Borba Gato Agropecuária, está na região desde 1979, com um projeto agropecuário, no Norte do Pará, onde cria gado e desenvolve o segundo maior pomar de castanheiras do mundo, ocupando dois mil hectares. O empresário reconhece que muitos erros foram cometidos por absoluta falta de experiência no que se refere à preservação do meio ambiente, mas enfatiza que "há muito exagero neste tipo de postura". Ele acredita que se o processo de colonização fosse iniciado agora, nas mesmas condições de há 30 anos, erros idênticos seriam cometidos. É evidente, no entanto, que se pode aproveitar hoje toda a tecnologia desenvolvida, que tem condições de preservar o meio ambiente e melhorá-lo. Como Meirelles, Vergueiro descarta a hipótese de que o empresário não tenha nenhum interesse na aplicação de técnicas de conservação:

— Os maiores interessados são os empresários, sob pena de os projetos se mostrarem economicamente inviáveis. Mas cabe ao governo ser o estimulador e divulgador dos modelos tecnológicos adequados para exploração racional.

Ariosto da Riva, da Indeco S.A., participou da colonização de vários estados, inclusive de São Paulo. Ele lembra que desastres ecológicos também ocorreram na conquista de novas áreas em estados como Paraná, São Paulo e Rio Grande do Sul, que teve de "importar" madeira de outras regiões para fazer cercas. Para ele o maior problema da ocupação da Amazônia é a exploração desordenada dos garimpos, responsáveis pela poluição por mercúrio de praticamente todos os rios da região.

Jane Soares

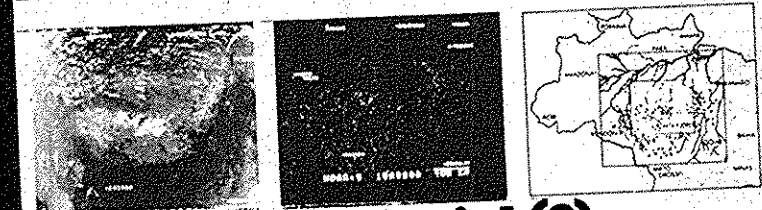


Meirelles quer uma ocupação ordenada



Riva, contra explorações inadequadas.

### A Amazônia em chamas



#### Série especial (3)

A história da ocupação da Amazônia, segunda-feira, nesta série de reportagens.

### Mais queimadas. E críticas no exterior.

Pelo terceiro dia consecutivo a cidade de Porto Velho amanheceu ontem mergulhada em densa fumaça causada pelas queimadas nas matas da região. O aeroporto Belmont permaneceu fechado para pousos e decolagens das 2 horas da manhã até por volta das 10h45. A chuva que caiu durante cerca de 15 minutos — a primeira em muitos dias — só serviu para aumentar o vapor d'água e a "sensação de estufa".

A primeira patrulha mista do Instituto Estadual de Florestas, Instituto Brasileiro de Desenvolvimento Florestal e Batalhão Florestal da Polícia Militar partiu ontem pela manhã para o interior do estado a fim de reprimir incêndios nas matas e autuar os infratores. O Instituto Estadual de Florestas admite, contudo, que muito pouco poderá ser feito nesse sentido. O órgão tem apenas 26 postos e dois fiscais em cada posto para cobrir uma área equivalente ao estado de São Paulo.

#### Revolta

Especialistas americanos estão vendo no desmatamento e na devastação da Amazônia a principal causa para o aumento da temperatura que ocasionou a pior seca nos últimos 50 anos nos Estados Unidos e destruiu 30 por cento da colheita americana de grãos para o próximo ano. O sentimento é de muita revolta pela queima de matas, principalmente no atual período das secas. Bárbara Bramble, da National Wildlife Federation, que recentemente escreveu uma série de artigos no *The Wall Street Journal*, resume o sentimento de revolta:

— Estamos chocados e surpresos com a notícia das queimadas pelo número cada vez maior de matas que estão sendo destruídas. Achamos que a medida que os dirigentes brasileiros tomarem consciência da destruição que estão fazendo para o mundo eles mudarão sua política de desenvolvimento da Amazônia. Isso está afetando a camada de ozônio da atmosfera e estamos mudando o clima da terra com um aumento de 25 por cento no dióxido de carbono na atmosfera.

A preocupação de Daniel Katz, presidente da Rainforest Alliance de Nova York — a Aliança para a Floresta Tropical —, é basicamente a mesma: "O efeito estufa está definitivamente relacionado com a destruição e o desmatamento na Amazônia e isso está afetando todos nós. O problema é saber porque há estas queimadas. Tem gente ganhando dinheiro. O governo brasileiro dá subsídios, vantagens nos impostos e terras para quem quer se instalar na Amazônia, não importando a destruição. Isso tem que mudar".

Na última terça-feira, Alan B. Durning, cientista do Worldwatch Institute — entidade com sede em Washington que identifica problemas mundiais emergentes e chama a atenção para eles — escreveu no jornal "The Christian Science Monitor" e fez um apelo às autoridades brasileiras para que investiguem, descubram e punam os responsáveis pela morte de Ivair Higinio de Almeida, um camponês de 18 anos, da Amazônia, assassinado em junho. Ele era candidato a vereador com apoio do Sindicato dos Seringueiros, que se opõe à derrubada da floresta amazônica.

As queimadas sem critério vêm sendo acompanhadas de perto também por estudiosos italianos que se dedicam aos problemas florestais e por especialistas do Ministério da Agricultura. O fenômeno diz respeito ao mundo inteiro, dizem eles, que recomendam a colonização dos territórios florestais de maneira mais racional, com um criterioso processo de derrubada de árvores na Amazônia.

"O problema das florestas tropicais deverá explodir repentinamente como uma bomba-relógio", alerta Mário Pavan, professor de entomologia agrária na Universidade de Pavia. "E esta bomba existe", completa Charles de Haes, diretor geral da WWF Internacional, "e é conhecida apenas por uma elite de estudiosos e ecologistas. Ela está ativada e o tempo está se escoando com uma regularidade impiedosa, como um cronômetro".



Rio Madeira, Rondônia: paisagem desfigurada e toneladas de mercúrio na água.

## Veneno e mortes nos rios

O rio Madeira, em Rondônia, está poluído pelas 78 toneladas de mercúrio utilizadas nos garimpos de ouro. E no rio Tapajós, no Pará, o quadro não é menos grave: um levantamento feito pelo técnico Carlos Maria Matos, da Sudepe, mostra que pelo menos 100 pessoas já morreram com sintomas evidentes de contaminação pelo mercúrio. Essas informações foram divulgadas, ontem, em Brasília, pelo superintendente da Sudepe, Aécio Moura da Silva — que defende a criação de uma Comissão Parlamentar de Inquérito para investigar o problema.

Ao anunciar a realização de uma pesquisa na região do Madeira, com a colaboração da Universidade de Brasília e do Departamento Nacional de Recursos Minerais (DNRM), Moura da Silva informou que já estão sendo encontrados peixes deformados no rio Madeira. "O mais grave é que o abastecimento de água de Porto Velho é feito com a água do Madeira, e existem garimpos a um quilômetro da cidade", disse.

Para chegar ao cálculo estimado de 78 toneladas de mercúrio já despejadas no rio, a Sudepe partiu da constatação de que, para a produção de ouro, são necessários de 1,5 a dois quilos de mercúrio. "Estima-se que a produção anual de ouro no Madeira é de 4,5 toneladas. Como a atividade tem sido intensa nos últimos dez anos, hoje o rio está seriamente comprometido", afirmou o superintendente, que defende uma maior participação dos órgãos do governo e também da Polícia Federal no controle dos garimpos. Segundo ele, existem equipamentos que

evitam a devolução do mercúrio ao meio ambiente.

As áreas mais atingidas pela utilização indiscriminada do mercúrio: região do Tapajós, no Pará; rio Peixoto de Azevedo, no Mato Grosso; Paracatu, Minas Gerais, Richas, em Goiás. E um novo garimpo ameaça agora a mata atlântica em Cananéia, São Paulo.

Também com base nos dados de produção de ouro, de acordo com o trabalho da Sudepe, já foram utilizados no rio Tapajós, a partir de 1983, cerca de 250 toneladas de mercúrio. Existem hoje na região 300 centros maiores de garimpeiros.

O médico paraense Carlos de Almeida constatou a contaminação por mercúrio em mulheres que vivem nas áreas de garimpo — disse o técnico Carlos Maria Matos. — Ele atendeu dois partos em que nasceram algumas crianças mongolóides e outros que apresentavam o seu sistema nervoso profundamente lesado pelo mercúrio. Uma dessas crianças morreu depois de seis meses.

Além do contato direto com o mercúrio, há um outro problema para a população: sua alimentação básica é o peixe. "Os peixes — explicou o técnico —, em razão da acumulação de mercúrio nos alimentos que ingerem, apresentam concentrações do metal bem maiores do que as encontradas no ambiente em que vivem."

#### Porto Velho: medo.

Em Porto Velho, a população está com medo — e o consumo de peixes está diminuindo sensivelmente. O jornal local, "O Estadão", tem publicado reportagens

alarmantes, lembrando a tragédia ocorrida em Minamata, no Japão, onde muitas pessoas morreram e crianças nasceram deformadas em razão da contaminação pelo mercúrio.

A Secretaria do Meio Ambiente de Rondônia, também preocupada com o problema, baixou uma portaria na semana passada exigindo o emprego de equipamentos especiais para a amalgamação e queima do ouro. Mas, nos garimpos localizados ao longo do rio Madeira, entre Guajará-Mirim e Porto Velho, são poucos os garimpeiros e donos de dragas e balsas que fazem a operação em circuito fechado e existem pelo menos 30 garimpos na região que produzem, em média, 500 quilos de ouro por mês.

O movimento lá é intenso, ao longo da rodovia BR-367, que liga Porto Velho e Guajará-Mirim, há muitas pessoas atraídas de outros estados pela notícia do ouro. Outras partem em busca de novos garimpos, principalmente em Roraima. No garimpo de Prainha, por exemplo, surgiu uma verdadeira cidade-flutuante, com sofisticadas dragas que chegam a ter cozinha, banheiro e quatro quartos.

Nessas dragas já se usa o cadim — um recipiente fechado ligado a um espécie de fogareiro. Com esse equipamento, o mercúrio, quando separado do ouro, acaba retido num vidro com água. Mas, em vários pontos do Madeira, o mercúrio e o ouro continuam sendo trabalhados a céu aberto. E a poluição é tanta que partículas do metal são recuperadas. "Com a utilização do cadim — afirma o

dono de uma das dragas em Prainha, Geomário Sena — estamos limpando o rio, que nos últimos dez anos ficou muito poluído. Algumas vezes, de um quilo de mercúrio utilizado no processo de amalgamação, recuperamos 500 gramas, que estavam no leito do Madeira".

Os garimpeiros preferem não comentar o clima alarmista em torno da poluição. É que quem está no garimpo não quer sair antes de conseguir fazer um bom pé-de-meia. Alguns até conseguem um bom patrimônio e vão embora — mas, meses depois, quando o dinheiro acaba, voltam. Alberto Leitão, cearense de 24 anos, em quatro meses trabalhando numa draga conseguiu guardar 120 gramas de ouro. E já mandou fazer um anal para a mãe, que mora em Limeiro do Norte. "Com esse ouro, será que vai dar para comprar um lotezinho à beira-mar?", pergunta.

Um garimpeiro de balsa consegue juntar, no final do mês, uma quantidade de ouro que lhe rende em torno de Cz\$ 500.000,00. Os que mergulham ganham mais — 50% do ouro que retiram —, mas vivem sob a ameaça de embolia — ar no sangue — e até de atentados. Muitos estão deixando a atividade nas balsas, optando pela draga, onde trabalham geralmente com mais três companheiros, revezando-se na operação da perfuração e no processamento do ouro.

Pela proximidade da fronteira com a Bolívia, a cocaína e a maconha chegam fácil ao garimpo. Pelo menos 80% dos garimpeiros usam as drogas.

Elana Luena